

TUDO SE CRIA, NADA SE COPIA

Paulo Cesar Baria de Castilho¹

Doutor em Direito do Trabalho pela PUC-SP

“Nada se cria, tudo se transforma” é uma frase atribuída ao químico francês Antoine Lavoisier. No jargão popular se diz que “Nada se cria, tudo se copia”. Num mundo líquido, em que as ideias são disseminadas pela rede mundial de computadores com uma velocidade estonteante, surge sempre a possibilidade do plágio, que é um problema sério para academia. Mas o que diferencia um plágio de uma ideia em transformação pela evolução natural das coisas e pelo conhecimento que é enriquecido a todo instante?

Nada nasce do nada. A verdade é que *Das coisas, nascem coisas*, como sugere Bruno Munari (p. 10-12), *designer* e filósofo italiano, em seu livro com este título. Das ideias, nascem outras ideias, com um olhar diferente e, provavelmente, com sentido diferente.

Na literatura, Julia Kristeva, citando o escritor russo Mikhail Bakhtine (*apud* Faria p. 62) exprime essa ideia ao afirmar que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto.”

Nesse sentido, aquilo que se escreve é a reescritura de outros textos, de autores precursores. Ao nascer, começamos a sofrer influência do mundo à nossa volta, afirmava Goethe (*apud* Faria p. 75). A família, o lar, a religião, os amigos, a escola, todos vão moldando nossa ideologia. E isso se reflete no pensamento e, por consequência lógica, na escrita de um autor.

Rubem Alves, educador, filósofo e professor emérito da Unicamp, dizia: “para se fazer Ciência, bastam duas coisas: olho e cabeça. Olho para observar o mundo e cabeça para pensar.” Não são necessários grandes laboratórios, especialmente em ciências humanas, que têm a sociedade como campo de pesquisa.

“Todo criador herda conceitos, contextos, ferramentas, métodos, dados, leis, princípios e modelos de milhares de outras pessoas, mortas e vivas.” Isaac Newton, no auge de suas descobertas, afirmou que: “Se eu vi mais longe é porque estou de pé, no ombro de gigantes” (*apud* Ashton p. 134). Com isso, o notável cientista deixou claro que, para desenvolver suas teorias sobre o universo, foi imprescindível o trabalho de pesquisa de outros que o precederam, os quais, aos

¹ Advogado. paulobaria@fadac.com.br.

poucos, foram abrindo o caminho na mata virgem.

Mesmo essa frase, atribuída há séculos ao grande físico inglês, teve origem em tempos muito mais remotos. “Robert Merton colocou essa cadeia de apropriações num livro, *On the shoulders of Giants* [Sobre os ombros de gigantes], para exemplificar a longa sequência de mãos que é a realidade da criação e para mostrar como uma pessoa, geralmente famosa, pode acumular crédito imerecido.” Isso deixa claro que, novas invenções, inclusive no campo da tecnologia, acontecem porque outros pesquisaram antes. Ninguém se preocupava em dizer que a frase de Newton teria sido um plágio, eis que “era quase um clichê na época em que ele escreveu” (Ashton p. 135).

Ao longo da história, houve diversas descobertas consideradas inúteis à época e ao conhecimento que existia até então. Contudo, com o desenvolvimento de novas técnicas e materiais, aquela invenção primeva, originariamente rejeitada, passa a ter grande utilidade a ponto de guiar ou induzir às novas descobertas.

Nas Ciências Humanas, isso não é diferente. Especificamente na seara do Direito, Oliver Wendell Holmes Jr., conhecido jurista e integrante da Suprema Corte Americana afirmou que “o Direito não é lógica, mas sim experiência”. Experiência adquirida com a vida vivida. No Brasil, o eminente jurista Carlos Maximiliano, ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, apoiado em robusta doutrina estrangeira, vaticinou: “A interpretação das leis é obra de raciocínio e de lógica, mas também de discernimento e bom senso, de sabedoria e experiência.”

O Homem é o acúmulo de experiências. Cada dia um fato novo ou a reinterpretção de um fato antigo, conhecido, o faz crescer intelectualmente, acrescentando sempre algo mais àquilo que, até então, era definitivo. Mas não existe ponto final em nenhuma área do conhecimento. O Homem é um ser em desenvolvimento. O Universo continua seu processo de expansão. O conhecimento humano também. Vai acumulando experiências e descobrindo novas soluções.

Nessa linha de raciocínio e como afirmou Roland Barthes (*apud* Faria p. 63): “Todo texto é um *intertexto*; [...] todo texto é um tecido novo de citações passadas.” São com essas referências e entrelaçamentos, que se cria algo novo ou se amplia aquele pensamento já existente.

Assim como não há dois indivíduos iguais, não há dois textos iguais. Ambos estão carregados de impressões pessoais e culturas diversas que nele se inserem, para o bem ou para o mal.

Aquilo que foi escrito por vários autores, com citações e pensamentos

diferentes, em áreas distintas do conhecimento humano, são condensadas na criação de outro texto, a partir da experiência única de seu autor, trazendo outra ideia ou campo de visão diferente, ampliando o conhecimento adquirido e acumulado, fazendo progredir a ciência humana, em busca de se compreender melhor o seu significado no contexto social, para o qual se pretende aplicá-lo.

Outros textos virão e poderão se utilizar das ideias nele lançadas. E isso pode acontecer em épocas diferentes do convívio humano para o qual foram pensadas. O importante é que estará ali, registrado em algum momento da história, para que alguém continue e amplie essas ideias, sempre na busca de compreensão do pensamento humano.

“Vulgar é o ler, raro o refletir”, advertia Rui Barbosa, em *Oração aos moços* (p. 33). Na criação de uma revista científica, a preocupação maior é desenvolver o ato de pensar, de refletir. Não de forma inútil ou mera filosofia de boteco, aquela do lugar-comum. Mas pensar proativamente, com ideias que, ainda que reinterpretando outras precursoras, farão dar mais um passo no caminho do conhecimento científico.

Deve-se passar sempre longe do plágio, fazendo isso por meio da citação do autor de uma ideia anterior, ainda que ela não seja original (como se viu no caso do pensamento atribuído à Isaac Newton), mas trazendo novos argumentos e pontos de vista que irão enriquecê-lo, até o ponto do fio condutor se tornar uma corda de âncora de navio, firme, forte, resistente, até que a próxima onda avassaladora consiga arrastar tudo até outro patamar.

Esse é o nosso desejo!

Obras citadas:

ASHTON, Kevin. *A história secreta da criatividade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. São Paulo: Papagaio, 2009.

FARIA, Gentil de. *Estudos de literatura comparada*. Curitiba: Appris, 2019.

MAXIMILIANO, Carlos. *Hermenêutica e aplicação do direito*. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1993.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WIKIPEDIA. Oliver Wendell Holmes Jr. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oliver_Wendell_Holmes,_Jr.>. Acesso em: 06 mar. 2019.